

---

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

---

**Prova Escrita de Português**

---

12.º Ano de Escolaridade

---

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

---

**Prova 639/Época Especial**

7 Páginas

---

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

---

**2014**

---

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Deve riscar aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

## GRUPO I

### A

Leia o texto seguinte.

1 Frias hão de ter parecido, a quem perto estivesse, as palavras ditas por Blimunda, Ali vai  
minha mãe, nenhum suspiro, lágrima nenhuma, nem sequer o rosto compadecido, que ainda  
assim não faltam estes no meio do povo apesar de tanto ódio, de tanto insulto e escárnio, e  
esta que é filha, e amada como se viu pelo modo como a olhava a mãe, não teve mais dizer  
5 senão, Ali vai, e depois voltou-se para um homem a quem nunca vira e perguntou, Que nome  
é o seu, como se contasse mais sabê-lo que o tormento dos açoites depois do tormento do  
cárcere e dos tratos, e que a certa certeza de ir Sebastiana Maria de Jesus, nem o nome a  
salvou, degredada para Angola e lá ficar, quem sabe se consolada espiritual e corporalmente  
10 pelo padre António Teixeira de Sousa, que muita prática leva de cá, e ainda bem, para não  
ser tão infeliz o mundo, mesmo quando já tem garantida a condenação. Porém, agora, em  
sua casa, choram os olhos de Blimunda como duas fontes de água, se tornar a ver sua mãe  
será no embarque, mas de longe, mais fácil é largar um capitão inglês mulheres de má vida  
que beijar uma filha sua mãe condenada, encostar a uma face outra face, a pele macia, a pele  
15 frouxa, tão perto, tão distante, onde estamos, quem somos, e o padre Bartolomeu Lourenço  
diz, Não somos nada perante os desígnios do Senhor, se ele sabe quem somos, conforma-te  
Blimunda, deixemos a Deus o campo de Deus, não atravessemos as suas fronteiras, adoremos  
deste lado de cá, e façamos o nosso campo, o campo dos homens, que estando feito há de  
querer Deus visitar-nos, e então, sim, será o mundo criado. Baltasar Mateus, o Sete-Sóis, está  
20 calado, apenas olha fixamente Blimunda, e de cada vez que ela o olha a ele sente um aperto  
na boca do estômago, porque olhos como estes nunca se viram, claros de cinzento, ou verde,  
ou azul, que com a luz de fora variam ou o pensamento de dentro, e às vezes tornam-se  
negros noturnos ou brancos brilhantes como lascado carvão de pedra. Veio a esta casa  
não porque lhe dissessem que viesse, mas Blimunda perguntara-lhe que nome tinha e ele  
respondera, não era necessária melhor razão. Terminado o auto de fé, varridos os restos,  
25 Blimunda retirou-se, o padre foi com ela, e quando Blimunda chegou a casa deixou a porta  
aberta para que Baltasar entrasse. Ele entrou e sentou-se, o padre fechou a porta e acendeu  
uma candeia à última luz duma frincha, vermelha luz do poente que chega a este alto quando  
já a parte baixa da cidade escurece, ouvem-se gritar soldados nas muralhas do castelo, fosse  
a ocasião outra, havia Sete-Sóis de lembrar-se da guerra, mas agora só tem olhos para os  
30 olhos de Blimunda, ou para o corpo dela, que é alto e delgado como a inglesa que acordado  
sonhou no preciso dia em que desembarcou em Lisboa.

Blimunda levantou-se do mocho, acendeu o lume na lareira, pôs sobre a trempe uma panela  
de sopas, e quando ela ferveu deitou uma parte para duas tigelas largas que serviu aos dois  
homens, fez tudo isto sem falar, não tornara a abrir a boca depois que perguntou, há quantas  
35 horas, Que nome é o seu, e apesar de o padre ter acabado primeiro de comer, esperou que  
Baltasar terminasse para se servir da colher dele, era como se calada estivesse respondendo  
a outra pergunta, Aceitas para a tua boca a colher de que se serviu a boca deste homem,  
fazendo seu o que era teu, agora tornando a ser teu o que foi dele, e tantas vezes que se perca  
o sentido do teu e do meu, e como Blimunda já tinha dito que sim antes de perguntada, Então  
40 declaro-vos casados.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 27.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1998, pp. 54-56

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Em casa, a reação de Blimunda face ao destino da mãe é muito diferente daquela que mostrara em público. Explique esse contraste.
2. Interprete as palavras do padre Bartolomeu Lourenço sobre a relação entre Deus e o homem (linhas 15 a 18).
3. Refira as atitudes que comprovam a aproximação progressiva entre Blimunda e Baltasar.

## B

Leia as cinco estrofes iniciais do poema «O Sentimento dum Ocidental», de Cesário Verde.

- 1        Nas nossas ruas, ao anoitecer,  
          Há tal soturnidade, há tal melancolia,  
          Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia  
          Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.
- 5        O céu parece baixo e de neblina,  
          O gás extravasado enjoa-me, perturba;  
          E os edifícios, com as chaminés, e a turba  
          Toldam-se duma cor monótona e londrina.
- Batem os carros de aluguer, ao fundo,  
10        Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!  
          Ocorrem-me em revista exposições, países:  
          Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!
- Semelham-se a gaiolas, com viveiros,  
          As edificações somente emadeiradas:  
15        Como morcegos, ao cair das badaladas,  
          Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.
- Voltam os calafates, aos magotes,  
          De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;  
          Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,  
20        Ou erro pelos cais a que se atacam botes.

Cesário Verde, *Obra Completa de Cesário Verde*, edição de Joel Serrão, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 151

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

4. Caracterize o estado de espírito do sujeito poético e relacione-o com os efeitos que a cidade nele provoca.
5. Identifique duas características temáticas da poesia de Cesário Verde, fundamentando a sua resposta com elementos textuais pertinentes.

## GRUPO II

Leia o texto seguinte.

- 1 «Alberto Caeiro é o meu mestre», afirmava Fernando Nogueira Pessoa. E apesar de os leitores do século XXI preferirem claramente o trágico engenheiro Álvaro de Campos ou o solitário urbano Bernardo Soares, a verdade é que é de Caeiro que irradia toda a heteronímia pessoana, pois ele é tudo o que Fernando Pessoa não pode ser: uno porque infinitamente
- 5 múltiplo, o argonauta das sensações, o sol do universo pessoano. Faz hoje cem anos que Pessoa criou Alberto Caeiro. Tinha 26 anos.
- «Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade».
- 10 Foi nesta carta a Adolfo Casais Monteiro que Pessoa descreveu o «nascimento» de Caeiro. Apesar de os estudos pessoanos terem demonstrado que a carta não diz toda a verdade sobre a criação do heterónimo, nem dos poemas, a verdade é que aquilo que nela haverá de ficção serve para que Pessoa continue o seu jogo infinito com as racionalmente definidas fronteiras do real e do irreal.
- 15 «Alberto Caeiro é o homem reconciliado com a natureza, no qual o estar e o pensar coincidem. Ele resolveu todos os dramas entre a vida e a consciência», diz o filósofo José Gil, que rejeita a ideia defendida por muitos estudiosos da «alma una» de Caeiro.
- Inês Pedrosa refere que Caeiro seria a «figura da musa» para o poeta, que aliás o descreve em termos helénicos, louro como um deus grego. Segundo a cronologia feita por Pessoa,
- 20 Alberto Caeiro nasceu em 16 de abril de 1889, em Lisboa. Órfão de pai e mãe, não exerceu qualquer profissão e estudou apenas até à 4.<sup>a</sup> classe. Viveu grande parte da sua vida pobre e frágil no Ribatejo, na quinta da sua tia-avó idosa, e aí escreveu *O Guardador de Rebanhos* e depois *O Pastor Amoroso*. Voltou no final da sua curta vida para Lisboa, onde escreveu *Os Poemas Inconjuntos*, antes de morrer de tuberculose, em 1915.
- 25 Caeiro não é um filósofo, é um sábio para quem viver e pensar não são atos separados. Por isso, não faz sentido considerá-lo menos real do que Pessoa. E cem anos depois, apesar de não ser o poeta mais lido, Alberto Caeiro tem uma materialidade de que só quem não lê poesia se atreve a duvidar. O poeta não precisa de biografia e não precisa de um corpo com órgãos para se alojar em nós, para nos pôr a ver o mundo a partir dos seus olhos, «do seu presente
- 30 intemporal igual ao das crianças e dos animais», como escreveu Octávio Paz.

Joana Emídio Marques, *Diário de Notícias*, 8 de março de 2014, p. 47 (adaptado)

1. Para responder a cada um dos itens de 1.1. a 1.7., selecione a opção correta.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção escolhida.

- 1.1. A centralidade de Caeiro é representada no texto, entre outras, através da expressão

- (A) «sol do universo pessoano» (linha 5).
- (B) «poeta bucólico» (linha 8).
- (C) «homem reconciliado com a natureza» (linha 15).
- (D) «deus grego» (linha 19).

- 1.2. No contexto da poesia pessoana, a expressão «jogo infinito com as racionalmente definidas fronteiras do real e do irreal» (linhas 13-14) remete para
- (A) a interpenetração da realidade e da imaginação.
  - (B) a separação entre a realidade e a imaginação.
  - (C) a infinitude das fronteiras do real.
  - (D) a infinitude das fronteiras do irreal.
- 1.3. Segundo a autora deste artigo, a materialidade de Caeiro é
- (A) comprometida pela inexistência de um corpo físico.
  - (B) inerente à sua condição de heterónimo de Pessoa.
  - (C) alheia à existência de um corpo físico.
  - (D) resultante da criação da sua biografia.
- 1.4. O recurso à expressão «tudo o que Fernando Pessoa não pode ser» (linha 4) configura uma
- (A) elipse.
  - (B) anáfora.
  - (C) reiteração.
  - (D) catáfora.
- 1.5. A utilização de «pois» (linha 4) e de «Por isso» (linhas 25-26) contribui para a coesão
- (A) frásica.
  - (B) interfrásica.
  - (C) temporal.
  - (D) lexical.
- 1.6. No texto, a palavra «nascimento» (linha 10) encontra-se entre aspas porque se pretende destacar
- (A) uma citação.
  - (B) uma expressão irónica.
  - (C) um sentido figurado.
  - (D) um título.
- 1.7. No excerto «Inês Pedrosa refere que Caeiro seria a “figura da musa” para o poeta, que aliás o descreve em termos helénicos, louro como um deus grego.» (linhas 18-19), as palavras sublinhadas são
- (A) um pronome e uma conjunção, respetivamente.
  - (B) uma conjunção e um pronome, respetivamente.
  - (C) pronomes em ambos os casos.
  - (D) conjunções em ambos os casos.

2. Responda de forma correta aos itens apresentados.

2.1. Classifique a oração «que a carta não diz toda a verdade sobre a criação do heterónimo, nem dos poemas» (linhas 11-12).

2.2. Indique o valor da oração subordinada adjetiva relativa seguinte: «que rejeita a ideia defendida por muitos estudiosos da “alma una” de Caeiro.» (linha 17).

2.3. Identifique a função sintática desempenhada pela expressão «viver e pensar» (linha 25).

### GRUPO III

Se para uns a cidade surge como espaço de realização do indivíduo, para outros tal realização está associada à vida em comunhão com a natureza.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, defenda um ponto de vista pessoal sobre a temática apresentada.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2014/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
  - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

## COTAÇÕES

### GRUPO I

<b>A</b> .....	60 pontos
<b>1.</b> .....	20 pontos
Conteúdo .....	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística .....	(8 pontos)
<b>2.</b> .....	20 pontos
Conteúdo .....	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística .....	(8 pontos)
<b>3.</b> .....	20 pontos
Conteúdo .....	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística .....	(8 pontos)
<b>B</b> .....	40 pontos
<b>4.</b> .....	20 pontos
Conteúdo .....	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística .....	(8 pontos)
<b>5.</b> .....	20 pontos
Conteúdo .....	(12 pontos)
Estruturação do discurso e correção linguística .....	(8 pontos)
	<hr/>
	<b>100 pontos</b>

### GRUPO II

<b>1.</b>		
<b>1.1.</b> .....	5 pontos	
<b>1.2.</b> .....	5 pontos	
<b>1.3.</b> .....	5 pontos	
<b>1.4.</b> .....	5 pontos	
<b>1.5.</b> .....	5 pontos	
<b>1.6.</b> .....	5 pontos	
<b>1.7.</b> .....	5 pontos	
<b>2.</b>		
<b>2.1.</b> .....	5 pontos	
<b>2.2.</b> .....	5 pontos	
<b>2.3.</b> .....	5 pontos	
	<hr/>	
		<b>50 pontos</b>

### GRUPO III

Estruturação temática e discursiva .....	30 pontos
Correção linguística .....	20 pontos
	<hr/>
	<b>50 pontos</b>

**TOTAL** ..... **200 pontos**